

Empresários discutem apoio a programa de emergência

José Antônio Rodrigues

SÃO PAULO — Os empresários querem evitar que o Poder Executivo adote qualquer nova medida de choque na economia que possa levar o país a enfrentar os mesmos problemas vividos pela Argentina às vésperas e depois das eleições presidenciais. Por isso, costuram um apoio maciço à iniciativa do presidente do Senado, Nélson Carneiro (PMDB-RJ), de estabelecer um programa mínimo de emergência que possa conduzir o país até a posse do próximo presidente. O programa mínimo deverá contar com cinco pontos básicos a serem estabelecidos em projeto de lei que definirá a ação a ser adotada quanto a preços, salários, dívida externa, dívida interna e política tributária.

Para respaldar esse programa, cerca de oitenta empresários, de todos os segmentos da economia, representando mais de 50% do PIB, reuniram-se ontem à noite para um estudo atento da conjuntura e a definição de apoio conjunto à ação do Congresso Nacional.

"A idéia é impedir que o governo Sarney intervenha desastrosamente na economia", comentou um dos presentes



Paes Mendonça, Flávio Teles, Simeira Jacob e Paulo Cunha (a partir da esq.): medo de Sarney

à reunião na mansão do Morumbi, bairro da classe alta na Zona Sul da cidade, do empresário Salvador Arena, dirigente da Termomecânica. O esforço parte da análise do atual momento. Apesar de não haver similaridade com o processo argentino, comentou um dos empresários, "a ação intempestiva do governo pode por tudo a perder". O mesmo empresário teme que a inflação de junho, medida pelo IGP-M (Índice Geral de Preços do Mercado, da FGV), alcance os 30% em junho.

Pavor — Durante a reunião de on-

vio Teles de Menezes (Sociedade Rural Brasileira), Otávio Lacombe (grupo Parapanamé) — ouviram três exposições: a do economista Luís Paulo Rosenberg, ex-assessor econômico do presidente José Sarney, sobre a situação econômica do país; do ex-presidente do Banco Central, Fernão Bracher, sobre a dívida externa; e de consultor político da Fiesp e da Federação Brasileira das Associações dos Bancos (Febraban), Ney Figueiredo, sobre o momento político.

A intenção dos palestrantes foi passar aos empresários um quadro real da situação brasileira e traçar o cenário de curto e médio prazos. Eles partiram do pressuposto que só haverá união se houver perfeito entendimento dos riscos que o país poderá correr caso não se faça alguma coisa urgentemente. Há consenso entre amplos setores do empresariado que a tal união nacional, somente será forjada dependendo do QP, o quoeficiente de pavor, do empresariado, que ainda não sentiu o cheiro de pólvora e somente por isso ainda não se uniu. Outra idéia que está sendo trabalhada é que as entidades patronais, por si só, não compreendem todo o poderio do empresariado, daí a necessidade de descharacterizar o movimento como pertencente a esta ou aquela entidade.